

Ano 12 • nº 2433 JULHO/2018

Laies Pintadas



Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Rio Grande do Norte

Ambientalista luta pela preservação da Mata Nativa da Serra Verde

José Francisco Lopes, mais conhecido por Professor Nino, é professor da Escola Áurea Galvão Gomes, da comunidade rural Serra Verde, situada na parte serrana do município de Lajes Pintadas, região Trairi do Rio Grande do Norte. Ele é historiador, preservacionista e ambientalista por iniciativa própria. "Desde criança tenho essa tendência de preservação da natureza".

Casado com Simone Dantas Cortez, com quem tem uma filha de 3 anos, Júlia Fernandes Cortez Lopes, ele mora praticamente em dois lugares: na cidade de Currais Novos, sertão do Rio Grande do Norte, por causa da escola da filha, e no sítio Cutruco, onde vivem também seus



familiares – pais, irmãos e primos. Ele assumiu os cuidados da área onde tem a casa desde 2006, mas já vinha cuidado da preservação do ambiente desde 1998. As terras pertencem à família dele há cerca de 7 gerações.

A casa onde vive no Cutruco é simples, rodeada de árvores nativas e algumas plantas exóticas para experimentos. Tem um canteiro de mudas de Pau-Brasil, Mulungu, Jaqueira, Catolé, Alamanda, Ipê, Carnaúba, Tamarindo, entre outros que reproduz para replantio e recuperação da terra degradada por anos seguidos de uso sem preservação.

O lugar faz parte dos 100 hectares das terras dos pais. Ele cercou e trabalha para recuperar áreas degradadas do solo e da mata nativa. Ele também faz alguns renques (barreiras) de pedras para evitar erosão, durante as chuvas. "Hoje, a serra está muito destruída. São quase 100 anos de degradação, com o desmatamento", lamenta.





Um problema que ele relata é a falta d'água, apesar de existir muita água no subsolo da serra, inclusive fontes perenes. "O grande problema é que a água é salgada; tão salgada que se regar as plantas com essa água, elas morrem...", afirma. Ele só conta com a pouca água das chuvas que estoca numa caixa e em dois pequenos tanques de pedra. "Era como meu avô fazia. Só que os tanques são pequenos e acumulam pouca água", lamenta.

O sítio Cutruco tem algumas fontes que secaram. "Não só pelos anos seguidos de seca, mas também pelo desmatamento. Estou tentando recuperar uma fonte, aqui, com o replantio no entorno", relata. Apontando para uma das

fontes que secaram, ele afirma: "Aqui era água doce, potável, mas hoje é salgada. Meus avós bebiam água daqui. Noutras partes da serra havia charcos, fontes, e hoje não tem mais".

Ele faz experimentos com plantas da Mata Atlântica para ver quais as que melhor se adaptam. "O Pau-Brasil foi o que melhor se adaptou aqui. Não preciso nem regar, porque aqui tem água debaixo do solo",

disse.

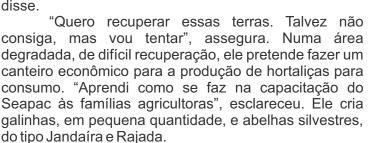












O Professor aproveita o sítio para fazer trilhas com alunos da escola onde exerce a profissão e mostrar a mata nativa ainda preservada. O objetivo é despertar nos jovens a necessidade de preservar o ambiente.

Nas trilhas, o professor mostra aos alunos as árvores e plantas nativas. Ainda se encontram Massaranduba, Baraúna, Jabuticabeira, Catolé (Araçá), Jucá, Pau D'Oleo (Copaíba), Palmeira Jeribá, Japecanga, Imbé, bromélias, orquídeas, Camucá, Pitanga de Morcego, Itapororoca, Araçaúna, Umbuzeiros, Umburanas, Umbu-cajá, Condessa, Gravatá, Pau-Ferro, Trapiá, Jeribá, Milho-de-Urubu, Lírio Roxo, além de muitas trepadeiras e algumas plantas medicinais.

O professor afirma que na Serra Verde ainda há animais como o Veado Caatingueiro, roedores e aves como juriti, tico-tico e o galo-de-campina.











